



---

## O BINÔMIO MAGISTÉRIO-MULHER NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Autores.** Rosana Souza de Vargas. Alisson Vercelino Beerbaum. Rudião Rafael Wisniewski. Maria Cristina Pansera de Araújo. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. rosanasdvgargas@gmail.com. Universidade de Passo Fundo. alvbeerbaum@gmail.com. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. rudiao.wisniewski@iffarroupilha.edu.br.

**Tema.** Eixo temático 2.

**Modalidade.** 1. Nível educação básica.

**Resumo.** Este texto busca desconstruir o discurso naturalizado referente à prática docente feminilizada, com aporte teórico de Foucault. Atualmente, as salas de aula são ocupadas pela grande maioria de mulheres, devido a fatores históricos de interesse e subjugação, carregados de sentidos sobre o gênero feminino e a negação que desqualifica a prática da docência para o masculino. Condições históricas que perduram até hoje, como os baixos salários e precárias condições de trabalho, reiteraram e reiteram continuamente o caráter sacerdotal da educação, implicando a renúncia e o amor maternal. Além de pesquisa bibliográfica, realizou-se questionário, com questões abertas e fechadas, para levantamento de discursos de professoras de escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul, para confrontá-las com o discurso histórico reproduzido acerca da temática. Entre as conclusões, salienta-se resquícios discursivos que remontam desde o período colonial brasileiro.

**Palavras-chave.** Gênero, Genealogia, História da educação, Michel Foucault, Profissionalização docente.

### Introdução

Um dos setores que possui grandes reivindicações profissionais é a educação. De acordo com a Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (CONTEE), em consulta ao Sindicato dos Professores de Minas Gerais (SINPRO-MG), falta valorização salarial da atividade docente na Educação Básica, sendo que, paralelamente a isso, é recorrente a reivindicação pela igualdade salarial entre homens e mulheres no Ensino Superior (Lugarini, 2018).

A referida pesquisa expõe que dos 2,2 milhões de professores nos Ensinos Fundamental e Médio, em todo o Brasil, 1,8 milhão são mulheres, ou seja, o correspondente a 82% de educadores. Na modalidade de Educação Infantil, a presença das mulheres se intensifica, contexto no qual 304.128 são professoras, aproximadamente 95% do total de 320.321 profissionais, em contraponto à presença de homens que é 16.193. Em Escolas Municipais de Educação Infantil há 266.997 mulheres, quase 98% do total de professores. O perceptível aumento percentual de homens em instituições e níveis de ensino com melhor remuneração também depõe sobre a subjugação da mulher no magistério.

Portanto, urge analisar a realidade das mulheres brasileiras que atuam na Educação Básica, na busca por ressaltar suas características e responsabilidades como profissionais, afastando o caráter maternal da atividade. Por isso, é necessário que ocorram discussões que imponham à sociedade a reflexão sobre este aspecto central, desacomodando e desarticulando questões naturalizadas a partir de um patriarcalismo mascarado.

A transformação e o reconhecimento só ocorrem pela superação das desigualdades e pela qualificação da educação. Assim, o presente texto tem o objetivo de estabelecer uma genealogia histórica, pois volta-se “para as descontinuidades e as margens, busca dissociar e desnaturalizar, quebrar a unidade do ser humano, destacar o posicionamento de seus discursos, fugir do supra-histórico, do totalizante” (Trevisan, 2018, p. 162).

Para tanto, foi realizada uma revisão teórica balizada pela teoria genealógica de Michel Foucault, confrontando os pensamentos docentes obtidos por meio de um questionário dirigido e, posteriormente, analisado. O intuito é compreender a refutação de determinados discursos pela sociedade hegemônica, vislumbrando, principalmente, a figura representativa do sujeito mulher e seu papel na profissão docente, bem como a memória discursiva do meio educacional.

### Desenvolvimento conceitual

O aspecto histórico da prática docente no Brasil precisa ser analisado desde seu marco inicial, quando o Brasil era uma colônia portuguesa destinada unicamente à extração de recursos naturais, em vista de salientar o papel das mulheres nas sociedades construídas. Naquele tempo, a educação era realizada por homens clérigos da Ordem da Companhia de Jesus e o acesso ao letramento religioso era limitado aos homens, fossem nativos cristianizados, imigrantes ou burgueses. Devido à marginalização do sexo feminino na vida do trabalho, as mulheres não recebiam ensino formal.

A partir da Reforma Pombalina, ocorreu o fim do domínio da Companhia de Jesus na educação, mas a Igreja manteve sua influência metafísica na docência, ao construir a narrativa da docência sacerdotal, que dava aos professores o mesmo prestígio dos clérigos, atraindo muitas pessoas à atividade. De acordo com Foucault (1999), a narrativa da Igreja institucional impõe o discurso que se converte em materialidade. Por isso, naquele momento, conforme Ataíde e Nunes (2016), o magistério se confundia com o sacerdócio em missão apostólica.

Em meados do século XVII, os sentidos que guiavam os sujeitos da época podem justificar a ideologia do beatério, que é a representação do professor como sujeito abnegado, que se doa, e o qual não exige compensação material, posto que a recompensa ao professor era o *status* da beatificação informal.

Em 1835, ocorre a abertura da primeira Escola Normal, no Rio de Janeiro. Os requisitos incluíam ler, escrever, contar, ser maior de 18 anos, de costumes puros, não ter sido condenado por crime ofensivo à religião do Estado ou à moral pública (Santana, 2012). O currículo apresentava apenas uma disciplina de formação pedagógica, chamada de Estudo dos Métodos Conhecidos de Ensino.

A constituição do magistério como profissão de mulher ocorre entre os finais do século XIX e início do século XX, porque o contexto industrial e urbano implica na saída de alguns homens do exercício dos magistérios, trazendo às mulheres com formação na Escola Normal a possibilidade de trabalho docente fora do lar.

A partir disso, a docência para infância já era a profissão ideal para a mulher, pois aperfeiçoava sua natureza maternal e não oferecia risco à moral. Contudo, o discurso vocacional burguês implicava à docência característica de sacerdócio, com maior valor moral do que social, reforçando o papel da mulher na manutenção da moralidade (Rabelo & Martins, 2010). Esse discurso, partindo de uma visão androcêntrica sobre a docência e a mulher, acabou por desvalorizar o magistério, pois, sendo a mulher o sujeito naturalmente habilitado a essa atividade profissional, não havia necessidade de profissionalização da



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

docência, a mulher era vocacionada. Contudo, o mesmo discurso foi utilizado estrategicamente pelo movimento feminista para que rapidamente fossem absorvidas pelo campo do trabalho, um grande passo inicial no afastamento das amarras ideológicas patriarcais e na conquista de liberdade e autonomia. E, apesar de parecer que o homem concedeu à mulher uma parcela de poder, isso é contrariado por Foucault (1979, p. 99) ao afirmar que o poder não é concedido a ninguém por ninguém, mas algo que “se exerce, só existe a ação”, ou seja, a mulher foi o sujeito agente, que passou a exercer essa parcela do poder.

### A genealogia de Foucault

Michel Foucault realizou análises profundas sobre a produção e a prática de discursos que criam saberes sustentados pelo estatuto da verdade estabelecido nas relações interpessoais. Sendo assim, a genealogia foi tomada como um conjunto de condições históricas que reiteram determinados discursos e refutam outros, existindo dois tipos de histórias possíveis de serem criadas e estudadas: a história dos historiadores e a história genealógica. “A primeira, já criticada por Nietzsche, remete a um fazer histórico ironicamente supra-histórico, isto é, com pretensão totalizante e de tradição teleológica, que busca origens e verdades” (Trevisan, 2018, p. 161). A genealogia “escapa à metafísica e não pretende se apoiar sobre absolutos. [...] destaca a singularidade, o acontecimento, ou seja, uma confluência das relações de força que ocasiona algum tipo de mudança, de descontinuidade” (Trevisan, 2018, p. 162).

Assim, pode-se compreender que a proposta genealógica problematiza práticas de poder que não são refletidas. Se preocupa com a subjetivação e com os discursos que constroem os modos de pensar, agir, ser e sentir, específicos a cada época. Foucault (1979) afirma que o poder não pode ser visto como um fenômeno único e abrangente, que não se expressa unicamente da dicotomia entre quem o detém e quem a ele se submete, “o poder funciona e se exerce em rede” (p. 103). Isso evidencia que a relação entre homem e mulher não ocorre de maneira unilateral, mas com múltiplos aspectos de dominação e resistência.

### Desenvolvimento Metodológico

Para a realização deste texto, foi adotada uma abordagem qualitativa, realizada por meio da Análise do Discurso (AD) proposta por Foucault (2008). A AD é uma vertente da linguística que se ocupa em estudar o discurso e, como tal, evidencia a relação entre língua, discurso e ideologia. O estudo foi realizado no início do primeiro semestre de 2020 e, considerando o seu objetivo, englobou a participação de professoras de duas escolas de educação básica da rede estadual do Rio Grande do Sul. O convite para responder o questionário foi enviado a um total de 48 professoras. No entanto, só responderam 16 participantes. O projeto que orientou o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade a que os autores deste artigo estão vinculados, com número de protocolo 2260474, e as professoras assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As questões foram enviadas por meio do *Google Forms*, tendo sido elaboradas com o intuito de analisar as concepções das professoras acerca das relações de gênero na vida profissional. A partir da AD, foi confrontado o levantamento genealógico do discurso acerca da feminilização da profissão docente, conforme teóricos como Foucault. Os dados advindos da análise foram triangulados com as referências bibliográficas, a fim de articular de maneira mais basilar os argumentos e metatextos produzidos. Os trechos selecionados foram considerados os mais pertinentes para a discussão, marcados em *itálico* e/ou *sublinhados*, para diferenciar do aporte teórico geral e subsidiar a escolha argumentativa. Os sujeitos da pesquisa estão

identificados da seguinte forma: D1, D2, D3 ... D16, sendo que o "D" corresponde à palavra docente e "1, 2, 3, ..., 16" é a numeração dada aos formulários respondidos.

### Concepções sobre a docência

Verificou-se, por meio das respostas obtidas das respondentes, que a ideia vocacional faz parte de alguns discursos das professoras da educação básica:

*Você apoia a ideia de que é preciso ter vocação para exercer a docência? Justifique. (D1) Com certeza; (D2) prefiro usar o termo perfil e não vocação; (D6) apoio totalmente; (D9) Vocação natural da mulher aperfeiçoada pela formação e prática. Primeiro vem o gosto pela atividade, depois o qualificar; (D10) acho que é necessário ter perfil de educador...ter sensibilidade e amor para fazerem diferença na vida de cada um(a) dos educandos; (D14) Sim; (D15) sim. Com a vocação o trabalho gera satisfação e o resultado do trabalho fica mais qualificado. Melhorando também a qualidade de ensino.*

Falar em "perfil" pressupõe que há uma maneira própria de ser professor, que engloba traços e representações. Quando ligado aos termos "sensibilização" e "amor", alude a uma ideia de um arcabouço histórico-social, a uma vocação que deveria ser mais importante do que a compensação financeira, e que influencia o docente a pensar que é um dom pessoal, que nasceu para isso. Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas financeira e socialmente.

Somente três docentes discordam da conjectura de que é preciso vocação para ensinar: "não, precisa de empenho, dedicação e estudo" (D3, D4) e (D11) "não precisa vocação, mas precisa características e oratória, afinidade com alunos na sua faixa de idade entre outras habilidades profissionais como para ministrar na graduação". A mulher, em meio a um universo sociológico oculto, se localiza sempre subjugada ao homem. A compreensão dessa realidade é ponto de partida para resistência e, conseqüentemente, o início de uma luta por uma reorganização de paradigmas.

Quando questionadas acerca da temática da igreja e seus desdobramentos na práxis docente, surge o seguinte discurso:

*Historicamente, o cristianismo sempre pregou a diferença entre normas permissivas ao sexo masculino e ao sexo feminino. Em sua prática, você compreende a presença destes dogmas? Em que situações? Por que você acredita que isso acontece? (D1) sim, principalmente nas religiões evangélicas. Acredito que isso seja dogmático; (D2) acredito que isso ocorra pois se considera o sexo masculino como superior; (D5) sim, existe sim. No ambiente docente existem muitos estereótipos. A educação, o ambiente escolar está parado no tempo, desmotivado e perdido. Existem muitos absurdos no ambiente escolar. A escolha de secretários de educação que não sabem nada de educação, por exemplo, que são homens e são da política. Com tanta mulher Ph.D. continuam colocando homens e de outras áreas para conduzir a educação. (D9) o cristianismo assim como outras religiões é liderado por homens, para responder especificamente precisaria estudar melhor. Inicialmente parece uma questão cultural; (D10) vejo ainda muito forte principalmente nas falas e atitudes.*

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en  
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la  
formación de profesores.

Tais relatos revelam que é existente uma consciência acerca do papel da religiosidade e seus desdobramentos no papel social idealizado para o feminino. “Estereótipos”, “dogmas”, “masculino como superior”, “cristianismo” são expressões nas quais as entrevistadas sugerem inconformidade diante do cenário que é exposto a elas.

Ao analisar o magistério como primeira conquista da mulher na sociedade, Almeida (1998) lembra que sua atuação na docência representou um movimento distinto de educação social ao questionar criticamente a existência da mulher em um mundo ideologicamente masculino, o ser mulher enquanto condição humana e enquanto característica sexual. Portanto, o magistério representou para a mulher brasileira seu primeiro lugar de visibilidade individual frente ao contexto social, rumo a conquistas subsequentes como o acesso à universidade, o que possibilitou, também, o acesso a outras profissões.

Quando questionadas acerca de uma possível relação entre a docência e as atribuições biológicas, uma entrevistada cita a ideia de maternidade: “(D15) eu acredito que seja pelo grau maior de vocação entre as mulheres, mulher sempre mãezona. Acho também que o instinto maternal ajuda a tendência a vocação de educador entre as mulheres”. O discurso de D15 contrasta-se dos demais, que declararam categoricamente não existir pressuposto obrigatório que relacione a maternidade com a profissão docente. D8 e D9 afirmaram que as habilidades e competências docentes vão para além de prerrogativas instintivas oriundas de atributos biológicos que reduzem o debate à dicotomia homem *versus* mulher.

*(D2) Herança histórica; (D14) O salário baixo afasta homens da profissão; sensibilidade feminina (D1); Por muitas pessoas associar à docência/educação como papel da maternidade, de educar filhos (D5); acredito que esta ideia vem do fato histórico da “professorinha”, única profissão a qual era destinada à mulher porque cuidar dos filhos, das crianças era dever das mulheres (D12).*

Para garantir a permanência deste discurso, segundo Almeida (1998), a escola para mulheres foi concebida para que se aperfeiçoassem apenas em relação à vida familiar, com aplicação de currículos sobre habilidades domésticas. Era vedado o acesso a outros níveis de ensino durante todo o período colonial. Assim, aqui se consagra e se constitui a profissão “professorinha”, apontada por D12, uma profissão atenta ao cuidado, como D5 também explicita. Corroborar com isso o fato das esferas trabalhistas com maior prestígio social, como engenharia, química, física, política, jornalismo, serem ocupadas por homens.

Outro ponto a ser ressaltado é o que fora proferido por D14, que possibilita questionar o porquê do salário baixo afastar os homens do magistério: seria porque o homem é visto, se vê e atua na sociedade, como o patriarca da família? Aquele que deve sustentá-la e, por isso, deve ganhar uma renda melhor/maior?

Quando questionadas acerca de suas compreensões das duplas jornadas das mulheres entre família e trabalho, as entrevistadas responderam:

*(D1) As mulheres são mais fortes do que elas pensam!; (D2) O desejo pelo espaço na sociedade foi a esse preço, mas não concordo com isso; (D3) Isso ainda é resultado da cultura machista, onde o homem trazia o sustento e a mulher cuidava da casa, hoje a mulher obteve conquistas mas carrega ainda junto dela os deveres de casa, as próprias mulheres na criação de filhos homens não ensinam a responsabilidade de deveres doméstico, resultado que ainda vivemos em um país machista. Devemos como sociedade mudar hábitos familiares e progressivamente mudar esse jeito de trabalhos domésticos é somente*

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en  
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la  
formación de profesores.

---

*coisa de meninas.; (D5) A sociedade ainda enxerga a mulher como a pessoa que deve cuidar da casa, o que faz com que ela tenha uma jornada tripla de trabalho. Como se fosse obrigação única da mulher conciliar casa e trabalho.*

Quando se trata da mulher no mundo público, profissional, especificamente no magistério, a abordagem da dicotomia entre público e privado permite compreender a configuração das relações de gênero na determinação de ambos os espaços. A esfera privada, que compreende o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, é interpretada como espaço não político. Não obstante, tais tarefas são direcionadas ao sexo feminino, enquanto as funções de domínio público, político e econômico são apresentadas como atribuições masculinas.

### Conclusões

A herança de uma escola que teve sua gênese sob uma perspectiva masculina atravessou os tempos, deixando traços que ainda no século XXI podem ser observados e analisados. Isso permite concordar com Foucault (1979) em sua afirmação de que analisar a genealogia de um saber prescinde da ponderação acerca de diversas premissas, não para refutá-las, mas para construí-las em uma formação discursiva diferenciada.

As opiniões dadas no questionário, que demonstram resquícios de visões que remontam ao Brasil colonial, apontam para o entendimento de que esse fenômeno é parte fundamental da história social, cultural e educacional brasileira e tem estreita relação com uma das bases que fundamentam a sociedade capitalista, o regime patriarcal. A mulher, historicamente, subverteu a dominação que lhe era imposta ao burlar o exercício dominante de poder, com resistência, se apropriando do discurso androcêntrico em seu favor. Não entender esses aspectos como reguladores da sociedade é desconsiderar uma história de luta, capitaneada, entre outros, por um magistério feminino que está longe de ser passivo.

### Referências bibliográficas

- Almeida J. S. (1998). *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- Ataide, P. C., & Nunes, I. D. M. L. (2016). Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, 9 (1), 167-188.
- CONTEE. (2010) *Mais de 7 milhões de alunos são de escolas privadas*. Recuperado de <http://www.contee.org.br/noticias/educacao/lista2010.asp>.
- Foucault, M. (2014). *Microfísica do Poder* (28a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*. São Paulo: Leya.
- Foucault, M. (2007). *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed.). São Paulo: Graal.
- Lugarini, V. (2018). Professoras são maioria no ensino básico, mas minoria na universidade. *Sindicato dos Professores de Minas Gerais*. Recuperado de <http://sinprominas.org.br/noticias /professoras-sao-maioria-no-ensino-basico-mas-minoria-na-universidade/>.
- Rabelo, A. O., & Martins, A. M. (2010) A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. *Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 4(1), 6167–6176.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021  
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.  
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

**Lema.**

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

---

Santana, E. F. (2012). A resistência à dominação masculina em Pierre Bourdieu e a reflexão sobre o direito. *Águia: Revista Científica da FENORD/Fundação Educacional Nordeste Mineiro*, 2(1), 99–118.

Soihet, R. (1997). Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas. *Revista Estudos Feministas*, 5(1), 1-23.

Trevisan, G. S. (2019). Diálogos entre os Feminismos e Foucault: Genealogia, Subjetividade e Transgressão. *Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, 6(13), 159-173.